

TODOS PERDERAM NAS URNAS

Nem os aiatolás conservadores nem os reformistas liberais receberam o apoio popular com que contavam para impor suas agendas. POR ALESSANDRA MELEIRO

O IRÃ PREPARA-SE PARA CELEBRAR seu próprio ano-novo em 21 de março, um período geralmente associado à esperança de tempos melhores. E muito há que melhorar: nos últimos três meses, o país tem sido o epicentro de seguidas tragédias, como a morte de 40 peregrinos iranianos vítimas dos ataques terroristas nas cidades de Kerbala e Bagdá, na semana passada, logo após o terremoto na cidade de Bam e a explosão de um trem de carga.

O resultado das eleições parlamentares de 20 de fevereiro, que findou na vitória dos conservadores, reflete a desesperança generalizada da população em relação ao cenário político. Contrasta fortemente com o resultado da eleição de 2000, quando candidatos reformistas conquistaram a maioria no Parlamento. Depois de protestar contra o veto da candidatura de cerca de 2.500 reformistas pelo Conselho dos Guardiães, os liberais e partidos opositores, que consideraram as eleições um golpe, boicotaram o pleito.

Entre as candidaturas vetadas encontram-se as de políticos bastante conhecidos do movimento reformista, como a do deputado em fim de mandato Mohammad Reza Khatami, irmão do presidente e o candidato mais votado nas eleições de 2000. Os motivos alegados pelo Conselho dos Guardiães para o banimento dos candidatos vão desde a suposta indiferença ao Islã e à Constituição até a acusação de questionarem o Líder Supremo. “Se entendermos reforma como um movimento dentro do governo, eu penso que sim, é

o fim”, disse Reza Yousefian, um dos candidatos vetados.

Os dois mais importantes corpos políticos do Irã – o Judiciário e o Conselho dos Guardiães –, que estão vinculados ao Líder Supremo, refletem a orientação autoritária do líder teocrático e os conservadores os usam como trampolim para chegar ao Parlamento.

Confirmando o receio dos reformistas, o Judiciário fechou os mais importantes jornais liberais, *Sharq* e *Yas-e-nou*, dois dias antes das eleições, por publicarem uma carta que criticou duramente o aiatolá Khamenei e o regime e os acusou de desrespeitar os direitos civis ao vetar candidaturas de reformistas.

Um escritório de campanha do principal partido reformista, a *Frente de Participação do Irã Islâmico*, também foi fechado pelo Judiciário, e seu site, que divulgava mensagens de boicote ao pleito, foi bloqueado.



Os conservadores responderam ao boicote com intensa propaganda através da mídia estatal. Redes de rádio e televisão e alto-falantes nas mesquitas de Teerã exortavam o comparecimento às urnas. Outdoors e panfletos com frases do aiatolá Ruhollah Khomeini, líder da revolução de 1979, igualavam voto a patriotismo.

Pela primeira vez a televisão estatal incluiu na programação um noticiário em inglês, um aparente esforço para convencer jornalistas estrangeiros de que o comparecimento dos eleitores foi significativo e que este é um sinal de sua força, 25 anos após a Revolução Islâmica.

O comparecimento de 50% dos eleitores às urnas, embora inferior ao da eleição de 2000, é bem mais elevado do que o esperado. Para os reformistas o resultado pode ser claramente considerado falta de apoio popular: “Quanto menor o número de eleitores, maior seria a vitória silenciosa dos reformistas”, segundo o analista político iraniano Davoud Hermidas Bavand.

Os reformistas vinham trabalhando, com suas bases no Parlamento, por alterações na Constituição que restringissem o poder absoluto do Líder Supremo. Com a derrota, consideraram a possibilidade de ampliar alianças com liberais



EM PRIVADO. O debate político esquenta nas casas de chá e em reuniões domésticas



COLUNA DO MEIO. O respaldo a ambos os lados foi baixo

A TEOCRACIA VEM PERDENDO SUA LEGITIMIDADE, MAS OS IRANIANOS TAMBÉM CRITICAM OS REFORMISTAS

seculares impedidos de atuar politicamente e reconhecem as dificuldades geradas pelas restrições de liberdade de imprensa e de debates públicos.

Independentemente da vitória dos clérigos no Parlamento, o regime está passando por um momento de grande insatisfação popular e a teocracia vem perdendo sua legitimidade. Sete anos após a vitória de Mohammad Khatami para a Presidência, poucos iranianos ainda têm ilusões em relação a mudanças substanciais no sistema.

O regime dos clérigos está tão descredenciado que, nas eleições municipais

de 2003, menos de 10% do eleitorado compareceu para votar, ainda que as eleições tenham sido organizadas pelo presidente Khatami.

Os acontecimentos das últimas semanas, como a renúncia de funcionários do governo ante a decisão do Conselho dos Guardiães, geraram críticas da comunidade internacional, mas não foram suficientes para reverter a apatia política generalizada da população.

Quando os reformistas tornaram-se a maioria no Parlamento, em 2000, a população esperava que a combinação de um presidente reformista com parlamentares liberais poderia determinar uma mudança em direção a maior democracia e liberdade no país. Mas, hoje, os 35 milhões de eleitores iranianos, de uma população de 65 milhões, sabem que a disputa política não se deve às restrições das liberdades civis ou à busca por um governo mais representativo, mas sim a uma luta pela conquista do poder entre duas facções.

“Penso que a posição da população em relação às reformas não mudou, mas critica os reformistas e seus líderes. Temos de repensar as oportunidades que perdemos nos últimos anos”, disse Reza Khatami à BBC.

Sadegh Ziba Kalam, professor de Política da Universidade de Teerã, acredita que o cenário não representa o fim das reformas porque essas não são apenas plataformas políticas de algumas facções, mas sim um fenômeno social: “Penso que o campo de

batalha vai deslocar-se para o campo conservador, entre os mais moderados e mais pragmáticos de um lado e aqueles com uma orientação mais ideológica, mais fundamentalista e linha dura de outro”, disse.

Na realidade, a retórica do presidente Khatami tem repercutido mais no exterior do que propriamente interferido positivamente na vida dos iranianos. Enforcamentos e perseguições a dissidentes políticos continuam, assim como o aumento da corrupção governamental, da prostituição e da dependência química por usuários de drogas.

No processo eleitoral, todos os candidatos devem declarar lealdade ao Líder Supremo, aiatolá Ali Khamenei. No entanto, mesmo considerando injusta a eleição para o Parlamento, Mohammad Khatami permitiu que o processo seguisse adiante e pediu que a população aceitasse o resultado das eleições “qualquer que fosse ele”.

Shirin Ebadi, vencedora do Prêmio Nobel da Paz e uma das mais influentes reformistas do país, manteve-se distante das discussões, já que muitos dos candidatos liberais mais conhecidos foram vetados, e assegurou que a vitória da linha dura “não será agradável” e que todos sairão perdendo. Ela acredita que o Judiciário se sentirá mais livre para prosseguir em sua campanha antiliberal.

Com a derrota nas eleições parlamentares, os reformistas deverão se aproximar do ativismo de Ebadi, revitalizando suas bases na sociedade civil e desenvolvendo organizações não-governamentais apoiadas em idéias de democratização, transparência, liberdade e direitos humanos.

Uma pesquisa feita pelo governo em 2003 apontou que 45% da população gostaria que o sistema político mudasse, mesmo que para isso fosse necessário ocorrer uma intervenção externa. Os protestos de junho de 2003, que resultaram na prisão de 4 mil pessoas, de acordo com a Anistia Internacional, também mostraram que os iranianos anseiam por um referendo nacional para a mudança do regime, talvez a única forma de viabilizar uma mudança real no Irã. ■